

NOS BASTIDORES DA LOUCURA: UMA CRÔNICA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA CRISE NO COLETIVO

Produto técnico derivado da dissertação de mestrado de Renata Carbonel, sob a orientação da profa Ana Cristina Figueiredo em 2023, intitulada: A clínica com grupos orientada pela psicanálise na atenção psicossocial.

A escolha de elaborar uma crônica como produto técnico se deu a partir de uma reflexão sobre os efeitos recolhidos deste trabalho. O período em que se desenvolveu a pesquisa foi de grandes impactos, passamos pela pandemia, pela reorganização do serviço, pelas mudanças de OS (Organizações Sociais) e tudo isso não foi sem efeito no nosso cotidiano. A cada dia podíamos observar como toda essa transformação afetava os usuários e a equipe. Então busquei um texto que pudesse representar esse momento de crise tão intenso e tão significativo sem perder de vista a beleza que foi vivenciar esta experiência. Todos os acontecimentos que atravessaram a pesquisa fizeram dela uma experiência singular, e isso demandou uma atenção digna de nota. Questionei que tipo de produto poderia transmitir não só os desafios que encontramos nesse percurso, como também (e principalmente), os afetos que dele emergiram. Só um texto literário conseguiria aproximar o leitor da trajetória que vivenciamos - A crônica. Aqui selecionamos a crônica narrativa, por ser um gênero textual curto, escrito em prosa, com uma linguagem rápida e fácil, que permite através de seus elementos essenciais (personagens, tempo e espaço) ilustrar os acontecimentos corriqueiros do cotidiano de uma forma leve e ao mesmo instigante. Assim, a crônica narrativa foi eleita numa tentativa de elucidar as nuances da pesquisa. Através dela foi possível dar cor, som, textura e aroma ao nosso trabalho.

Naquela manhã de quarta-feira, como em muitas outras manhãs, fui para o CAPS imaginando como seria mais um dia de trabalho. É claro que entre o que pensamos e criamos e a experiência há uma distância considerável. Sorri ao lembrar dos pacientes, da Josyelle, da Marta, da Fernanda...

Fernanda me disse que “só os loucos sabem”. As ruas passavam, trânsito lento, chegando a Botafogo não sabia que teria tantas lembranças e emoções de cada um desses personagens reais com os quais aprendi e desconstruí muitas certezas, contrariando artigos científicos e teorias que não dão conta do cotidiano de quem trabalha com o imprevisível da saúde mental.

Nessas lembranças fui até o dia em que o fazer clínico foi atravessado pela pandemia e pela distância social. Sem abraços, sem convivência, sem cafezinho da tarde. Os sentimentos se confundiam: vontade de rir e de chorar com o uso das máscaras, isto é, máscaras no queixo, na testa, no bolso, nos olhos na hora do cochilo, falas delirantes impermeáveis que ignoravam as novas regras. Em meio a esse caos, ousei montar o grupo no retorno presencial. Agitação. Falatório. Foi no refeitório que tudo começou. Fui convidando os pacientes. Pam foi a primeira a concordar. Era o primeiro encontro improvisado. Meio sem jeito. Em seguida, veio a Paty. Com flores no cabelo, ela não sabia por que estava ali:

- Sou muito saudável. Especialista em chás. Eles curam qualquer doença ou mal-estar e o sol nos alimenta mais, muito mais que qualquer comida. Pergunto se sabe por que está ali e ela responde:

- Tenho muitas crises há muito tempo, mas posso me cuidar sozinha. Estou conectada com o que há de melhor no universo!

Pam, Adri, Jana e Su começam a rir dela. Jana senta pra contar sua história: - Eu venho quando não me sinto bem. Já esqueci de tomar os remédios. Já troquei os remédios. A pressão subiu. A pressão caiu. Tenho medo de morrer em casa 84 sozinha e só acharem meu corpo meses depois. Aqui converso, como, brinco e brigo. Xingo. Discuto política!

Su interfere:

- Eu venho obrigada. Me sinto numa jaula. Os vizinhos me acham louca, pois esqueço de tomar banho. Aqui revivo o pesadelo de minha vida. Muitas internações. Só de ver os enfermeiros fico gelada.

Percebo que contar a própria história é diminuir ou tentar expulsar o sofrimento, expor e fechar as feridas. Rir dos outros. Rir de si mesmo. Quando me levanto, Lu levanta também. Pega no meu braço, olha nos meus olhos e diz:

- Senta aí que preciso contar minha história. Quero colaborar, mas não sei com o quê. Me sinto protegida do mundo aqui, mas ficar à toa é horrível. O tempo do relógio não é o tempo da minha cabeça.

Paro um instante e antes que pudesse reagir sou atropelada por Veri que vem correndo perguntar das minhas tatuagens:

-Tem outras?

- Sim, respondo. E você?

- Tenho cicatrizes. São marcas da vida.

Em silêncio, olho suas mãos. Já estou tremendo. Em meio ao caos, a escuta. Vou até a janela. Observo a movimentação do campus. As pessoas voltando do trabalho, saindo da aula e seguindo seu destino, talvez para as suas casas. Para sua família. Eu também iria para casa, mas com vozes silenciadas. Abafadas. Sufocadas. Buscar na família o equilíbrio para essa experiência desafiadora que está apenas começando. Entro no carro e está tocando na rádio "Como será o amanhã? Responda quem puder..." Nada mais.